

RECENSÃO CRÍTICA DO LIVRO
MAR DAS ESPECIARIAS: A VIAGEM DE UM PORTUGUÊS
PELA INDONÉSIA

De: Joaquim Magalhães de Castro
Lisboa: Presença, 2009

Clara Sarmento⁹³

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

clara.sarmento@iol.pt

Di laut biru jau sekali dari sini ada pulau Indonesia...

Herdeiro espiritual e leitor devoto de Bruce Chatwin, Le Clézio e Hugo Pratt / Corto Maltese, Joaquim Magalhães de Castro oferece-nos em *Mar das Especiarias* um relato da errância. Mas os escritores da errância têm uma tarefa árdua nos tempos que correm, com o crescente primado de lugares comuns que tornam cada vez mais difícil o acesso à intimidade. Os locais parecem assemelhar-se cada vez mais, tudo está em toda a parte ao mesmo tempo, a singularidade apaga-se em favor da globalização, não do lugar mas sim de todos os lugares. Parece que já não é mais preciso caminhar, mas antes parar, olhar, escutar. O errante não é mais o estranho ser que vagueia de terra em terra; nem aquele que se exalta perante uma

⁹³ Professora Adjunta da área científica de Línguas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto. Investigadora e Coordenadora do Centro de Estudos Interculturais. Doutorada em Cultura Portuguesa pela Universidade do Porto. Prémio CES 2007 para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa.

paisagem tempestuosa; muito menos o viajante em busca de exotismo, vã demanda, aniquilada logo no regresso – o errante é o vizinho, nosso companheiro⁹⁴.

Joaquim Magalhães de Castro cedeu há muito à tentação do Oriente, invertendo o título da obra de Malraux, e viaja por esta estranha terra – como o indonésio Pramodya Ananta Toer chama à sua pátria ingrata – tendo sempre presente o espírito de Agostinho da Silva e o seu “sonho universalista” da cultura portuguesa (240). Este sonho universalista é um sonho global, é o sonho da globalização lusófona, do luso-orientalismo, e já não tanto do “luso-tropicalismo” de Gilberto Freyre.

Com efeito, Portugal, tal como Espanha, foi pioneiro da globalização seiscentista, segundo David Inglis, no seu ensaio “Globality and Early Modern Mobility: Portuguese Explorations and the Rise of Global Consciousness”⁹⁵. Para David Inglis, os meios e os *media* incipientes do século XV semearam rotas de comunicação e de transacção em tudo paralelas (se bem que num ritmo em tudo diferente) às da actual noção de globalização. A consciência global – a visão do mundo como “um só lugar”, e a compreensão do lugar de cada um dentro da complexa rede global – não é um fenómeno histórico recente, bem pelo contrário. Uma forma específica de consciência global foi a das explorações e “descobrimientos” portugueses. O sentido português do mundo, do outro e da própria identidade desempenharam um importante papel no nascimento da modernidade e na narrativa daquilo a que chamamos actualmente “globalização”.

Ao entender a expansão portuguesa como construção da globalização, traça-se um paralelismo entre a História e a contemporaneidade, ao defender que as rotas marítimas transcontinentais esboçaram uma rede intercultural pioneira. A história da expansão e do colonialismo foi um movimento longo no tempo e no espaço, construído quer sob a égide da Coroa, quer por interesses privados. Ao longo deste processo, globalizaram-se tratos, economias, encontros culturais e todo o tipo de

⁹⁴ A este propósito, consultar: Alexandre Laumonier, “L’Érrance, ou la Pensée du Milieu”, in *Magazine Littéraire* 353 (avril 1997): 25.

⁹⁵ A publicar brevemente pelo Centro de Estudos Interculturais do ISCAP em: *From Here to Diversity: Globalization and Intercultural Dialogues*. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

transacções, desde plantas e nomes até à alteração de sistemas sociais e ecológicos. Tudo isto *Mar das Especiarias* descreve e documenta.

Deslocando para Oriente o tráfico intercultural dos “descobrimientos”, encontramos as regiões do Sudeste Asiático que, nos séculos XVII e XVIII, eram já bastiões da Companhia Holandesa das Índias Orientais, nomeadamente Batavia (hoje Jacarta) e as Ilhas Molucas. Os portugueses haviam sido os primeiros a chegar a estes arquipélagos, onde o malaio era então a língua franca dos mercadores de diferentes grupos étnicos. A seu tempo, o português (ou melhor, uma versão “crioulizada” do português) tornou-se na nova língua franca do Sudeste Asiático, situação que persistiu mesmo quando os portugueses foram afastados pelo poderio holandês. Batavia, fundada em 1619 pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, foi em grande parte lusófona durante ainda muito mais de um século. Maria Johanna Schouten (outra viajante do Sudeste Asiático e investigadora da Universidade da Beira Interior) releva a importância do papel das mulheres como mediadoras culturais, fossem elas escravas, alforriadas ou mestiças⁹⁶. Com efeito, as esposas e concubinas asiáticas dos oficiais e mercadores holandeses eram fluentes em português e serviam como intérpretes linguísticos e culturais. A sua origem e influência em muito contribuíram para a mistura de elementos asiáticos e europeus na cultura do quotidiano. Este encontro entre homens europeus e mulheres asiáticas esbate as fronteiras do poder e desloca a capacidade de gestão cultural para o “outro” elemento do binómio dominador/dominado.

Mar das Especiarias recupera essa presença portuguesa ofuscada pelos holandeses, que julgaram levar a cabo uma dupla missão “civilizadora”, dirigida não só aos nativos mas também aos seus católicos e latinos antecessores que – na mundividência protestante, capitalista e altamente organizada dos holandeses – pouco ou nada diferiam entre si. Contudo, Joaquim Magalhães de Castro, transcreve uma expressiva citação de Charles Boxer que, a propósito da história da

⁹⁶ Ver: Maria Johanna Schouten, “The Gender Factor in a Multicultural Context: Dutch and Asians in Batavia”, in *From Here to Diversity: Globalization and Intercultural Dialogues*. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

expansão portuguesa, menciona uma carta então dirigida pelo governador da Companhia das Índias Orientais, em Batávia, aos seus superiores na Holanda:

Passaram-se 100 anos desde que expulsámos os portugueses. Se pensam que acabámos com eles pela força de navios e de armas, destruindo sistematicamente os seus fortes, igrejas e monumentos, perseguindo a fé católica que trouxeram, estão muito enganados, porque eles continuam presentes em todo o lado através da língua e da cultura que aqui espalharam. Devemos mudar o nosso sistema. Nós viemos para ganhar dinheiro e partir o mais depressa possível, eles vinham para ganhar dinheiro mas também para ficar e a certa altura já não pertenciam mais à Europa, eram parte destas terras.
(59)

Com efeito, “o resultado de apenas 150 anos de convivência entre portugueses e indonésios traduz-se hoje na cumplicidade e no carinho demonstrados pelos habitantes destas outrora ‘Ilhas do Trato’ na presença de um lusitano” (15), que o autor bem experimentou. A língua, a música, a dança, os trajes, as lendas, a arquitectura, as manifestações culturais e religiosas, a patronímia e a toponímia são os testemunhos mais evidentes da herança aí deixada pelo povo português há mais de 300 anos, a qual não só sobreviveu à posterior colonização e hegemonia marítima holandesa mas, acima de tudo, resistiu ao tempo. As culturas locais de ilhas como Flores, Ternate, Amboíno, Timor, Solor e Adonara assimilaram de uma forma profunda e a níveis diversos a cultura portuguesa que, ainda nos dias de hoje, é respeitada e acarinhada como fazendo parte da sua identidade.

Porém, fora de Portugal – nos territórios académicos dominados pela hegemonia anglo-saxónica – a história cultural da Indonésia, tanto colonial como pós-colonial, poucas vezes se debruça sobre o período que medeia entre o autóctone e o holandês. Há como que um hiato, um silêncio, entre o momento pré-ocidente e a acção pseudo ‘regeneradora’ dos agentes da Companhia das Índias

Orientais. Por isso, esta viagem intercultural de *Mar das Especiarias* gera História feita livro de aventuras, gera uma narrativa de jornada pessoal feita História.

Como que respondendo à proposta de James Clifford em *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century* (1997), *Mar das Especiarias* realiza viagens interculturais no espaço (entre o ‘aqui’ e o ‘lá’), no tempo (entre o passado e o presente) e entre os diversos conceitos de cultura. Uma obra intercultural coordena necessariamente em si as leituras plurais do termo ‘cultura’, incluindo desde a cultura popular, a cultura de massas e as definições sócio-simbólicas de cultura, até à cultura erudita, académica e institucional. Cruza-se assim a primeira grande fronteira da viagem intercultural – a fronteira da própria noção de cultura – de modo a evitar o lugar-comum do intercultural como um mero ‘nós’ versus ‘outros’, bem como o erro basilar de uma interculturalidade que ignora a diversidade e a dinâmica contidas na sua própria definição.

Ao ler *Mar das Especiarias*, não podemos deixar de recordar uma outra narrativa de viagens por este mesmo Oriente, que são as *Cartas e Escritos* de S. Francisco Xavier, personagem extraordinário, missionário zeloso, também ele aventureiro e errante. Mas a grande e inesperada coincidência deste livro dá-se através do seu Prefácio, da autoria do embaixador António Pinto da França. Na verdade, Pinto da França é sobrinho-neto de Maria Isabel Pinto da França Tamagnini, jovem lisboeta de 21 anos apenas que, em 1882-1883, fez uma viagem semelhante à de Joaquim Magalhães de Castro, pela Indonésia e Timor, como parte da comitiva do seu padasto e novo governador de Timor, o major Bento da França. Isabel Tamagnini escreveu um diário dessa viagem pioneira até Díli, que permaneceu inédito até 2002⁹⁷. Os mapas destas viagens tão distantes no tempo assemelham-se, apesar de as suas condições e motivações serem tão diferentes. E há até momentos quase idêntico, como quando Isabel Tamagnini descreve um casamento chinês em Singapura e Joaquim Magalhães de Castro descreve o casamento dos *orang portugis* (portugueses) em Jacarta (34).

⁹⁷ Ver: Maria Isabel Pinto da França Tamagnini, *Diário de uma Viagem a Timor (1882-1883)*. Lisboa: CEPESA, 2002.

Poderemos talvez comparar *Mar das Especiarias* ao muito mediatizado e ficcional *Um Estranho em Goa*, de José Eduardo Agualusa, mas permeado do ritmo vivo, atento e por vezes irónico de Bernardo Carvalho, em *Mongólia*. Porém, em termos formais, *Mar das Especiarias* é declaradamente um diário de viagem, como que num *Long Way Round* (de Ewan McGregor e Charley Boorman) erudito, sobre a memória imaterial de Portugal na Indonésia. O autor informa-nos que aí fez uma primeira visita como simples viajante, sem qualquer preocupação que não a de observação e usufruto directo daquilo que observava. Entre Junho e Setembro de 2005, contudo, a viagem pela Indonésia tinha já um objectivo preciso. Por tal, Joaquim Magalhães de Castro registou depoimentos, fez entrevistas, fotografou, filmou, gravou canções, orações e discursos em português arcaico, compilou listas de palavras, documentos com tradições orais, testemunhou cerimónias pascais e contactou de perto com comunidades de luso-descendentes (16).

O autor perde-se por vezes no labirinto dos mitos das origens e das divagações etimológicas porque regista a história oral, porque dá voz (e atenção) a quem vive (e constrói) efectivamente a História, sem nunca constar dos livros. Porque Joaquim Magalhães de Castro escreve independentemente dos cânones, das instituições, das academias. Ele busca os vestígios da passagem dos portugueses nos apelidos e palavras de sonoridade familiar. O que mais lhe interessa nesta viagem são as pessoas, cientes de que “têm algo para mostrar e contar e preservar, se bem que o façam de um modo quase inconsciente” (17). A polifonia de *Mar das Especiarias* insere-se numa narrativa global em permanente expansão, com a sua rede de (des)encontros e relações humanas, que se exprime através de incontáveis mitos e fábulas, estruturas narrativas iterativas em constante metamorfose no espaço e no tempo. Essas metamorfoses acabam por gerar discursos muitas vezes contraditórios, polifónicos, paralelos, porque observam a mesma realidade a partir de diferentes perspectivas.

Na verdade, *Mar das Especiarias* funciona como uma espécie de narrativa de fronteira, enquanto paisagem metafórica da errância. Tal como na tradição narrativa norte-americana, de Emerson a Turner, de Tocqueville a Kerouac, também aqui

“movement [is] a permanent state of mind”⁹⁸. E é também, e por isso, uma homenagem a Portugal enquanto agente intercultural, enquanto agente de ligação (“ligação” compreendida como movimento, como viagem), e não tanto enquanto agente de permanência. Pelo menos, de permanência visível. Joaquim Magalhães de Castro viaja em busca desse mundo invisível que está diante dos nossos olhos: “Embora não me possa alhear daquilo com que me vejo obrigado a conviver, a minha viagem, como já o disse, é de reencontro com a História, uma História remota” (132).

Este diálogo intercultural comprova a ambivalência da sua leitura e a impossibilidade de um paralelismo perfeito entre os diversos interlocutores e códigos intervenientes. Será necessário recorrer a um mediador de códigos culturais, a um tradutor? Conceitos tão abrangentes, comparativos e abertos como o da própria ‘interculturalidade’ são, parafraseando de novo o pensamento de James Clifford, traduções construídas a partir de equivalências imperfeitas. A viagem intercultural pode ser traduzida em múltiplas experiências, como a diáspora, a fronteira, a (e/i)migração, o turismo, a colonização ou o exílio. Porque as identidades não são fixas, porque os territórios culturais proporcionam encontros e diálogos complexos, não existe uma solução de consenso nem de valor universal: existe apenas mais tradução. Por isso, os filhos do antigo Império – tanto ocidentais como orientais – renunciam à nostalgia das raízes perdidas para se afirmarem herdeiros de tradições múltiplas, para serem actores num mundo que *Mar das Especiarias* descobre, um mundo colorido,

⁹⁸ Ver: Phil Patton, *Open Road: A Celebration of the American Highway*. New York: Simon and Schuster, 1986.